

A década do zero

Eva P. Bueno*



Como é de costume nesta época do ano, fazemos um balanço do ano que está por terminar, e expressamos nossos desejos e planos para o próximo. Como 2009 é o fim da década do zero, podemos fazer uma reflexão sobre estes últimos 10 anos. Com tudo acontecendo tão depressa, às vezes é difícil de lembrar que aquilo que hoje nos parece tão conhecido que virou clichê, há alguns anos era novidade absoluta. Por isto é bom de vez em quando a gente parar e olhar para o caminho percorrido. É interessante como, ao dar uma característica pública às memórias, a gente seleciona, separa, apaga, classifica. O que para mim pode ter sido interessante mencionar, para outra pessoa passou totalmente despercebido. De todas formas, aqui vão uns retalhos de memória destes últimos dez anos, que foram importantes para mim, e talvez para alguns dos leitores também.

O bug do milênio

Quem se lembra dele? Desde o início de 1999, a mídia do mundo inteiro, além de figuras pseudo-religiosas e apregoadores do fim do mundo,



falavam deste tal “bug”. Ia ser um pandemônio, asseguravam, porque os computadores não sabiam lidar com nada que começasse com o número dois. Houve gente que se armou. Houve gente que construiu um abrigo e encheu de comida. Mas houve os que simplesmente se deliciaram com a festa, e usaram os tolíssimos óculos do ano 2000. O “bug” não veio. Os computadores continuaram a trabalhar sem o menor problema. Chegamos ao segundo milênio, que aliás é uma data arbitrária, considerando-se a idade do planeta, e o fato de que, para outras civilizações além da nossa, o segundo milênio já passou há muito tempo.

Columbine

O ataque à escola Columbine aconteceu em 20 de abril de 1999: 13 mortos, mais os dois

assassinos. Grandes reflexões tiveram lugar em meio à dor da perda de tantas pessoas em um evento tão sem sentido. Sete anos mais tarde, no mesmo mês de abril, um massacre das mesmas dimensões tem lugar na universidade de Virginia Tech: 33 mortos. Mas ainda a NRA (National Rifle Association – Associação Nacional dos Rifles) continua afirmando que armas não matam pessoas. Pessoas matam pessoas. Apesar das tentativas de aumentar o controle para compra e venda de armas, o país continua se armando, e muitas pessoas afirmam que qualquer tentativa de confiscar suas armas será recebida a bala. Está na constituição: direito de portar armas, remanescente do tempo em que os cidadãos se juntaram em milícias para rechaçar os colonizadores ingleses. Aqui não acreditam em *mutatis mudandi*: este ano passado foi aprovada uma lei que diz que as pessoas podem ir a lugares públicos com suas armas escondidas.

Eleição do pior presidente que os Estados Unidos já tiveram

Uns dizem que foi porque Bill Clinton teve um caso com a estagiária Monica Lewinski. Outros dizem que foi porque Al Gore não é bom discursista, apesar de ser um homem brilhante. Outros afirmam que foi um golpe de estado. O fato é que, apesar das enormes confusões na contagem e recontagem dos votos, George W. Bush acabou indo morar na Casa Branca. Seu escudeiro, Dr. Death, também conhecido com Dick Cheney, entrou de vice-presidente. Os primeiros quatro anos foram um desastre. Os outros seguintes, depois de outra eleição em que entrou de tudo, inclusive a difamação de um herói nacional, foram a continuação do desastre. O saldo do governo W. Bush (que antes de ser presidente já tinha falido várias companhias) não foi surpreendente, considerando-se o seu currículo.

Ataque às torres e ao Pentágono, e a muitos inocentes, alguns mais que os outros

Era um dia qualquer em setembro. Pelo menos parecia que ia ser pra quem estava no aeroporto para tomar um avião quando houve o ataque em Nova Iorque e ao pentágono, foi um pesadelo. Para as famílias e amigos dos que estavam nos aviões sequestrados e usados para os ataques, e dos que estavam nos edifícios atingidos, foi o começo de uma longa agonia. Para os civis dos países que foram subsequentemente atacados a mando de George W. Bush para vingar o ataque e para eliminar o Taliban do Afeganistão, e o grupo internacional Al-Qaeda, deve ter sido algo incompreensível. Não sei se alguém já se deu ao trabalho de calcular as centenas de milhares de mortos no Afeganistão, no Paquistão e no Iraque. E mais as mortes dos soldados americanos, e dos outros países que entraram no grupo. Entre todas as vítimas inocentes do medo e da histeria generalizada que tomou conta de muitos países, destaco o brasileiro Jean Charles de Menezes, um jovem que morava e trabalhava em Londres que foi morto com 8 tiros pela polícia no dia 25 de julho de 2005, porque um policial “pensou” que ele era terrorista. Talvez porque Jean Charles era do Brasil, sua morte sem sentido foi a que me afetou mais profundamente. Também veio a mostrar-nos que esta guerra entra em todos os lugares.

2002: o Brasil ganha a Copa no Japão.

Dentre todas as experiências que, como brasileira, já tive com a Copa do Mundo, esta deve ter sido a mais interessante. Na ocasião eu morava em Nishinomiya, no Japão. Talvez naquela cidade a minha família tenha sido a única que celebrou, especialmente a derrota da Inglaterra, com um gostinho especial porque os japoneses estavam todos apaixonados pelo inglezinho

bonito de cabelos loiros e não se importavam com o jogo, desde que Becker estivesse nele. Brasil? Boragil? Que Boragil? Eles só sabiam de Becker. Então, quando toda a vizinhança estava em silêncio, nós cantávamos enquanto o Brasil derrotava a Inglaterra com Becker e tudo. E eu nem sequer gosto de futebol, e abomino jogadores profissionais de qualquer estirpe. A gente se surpreende a si próprio muitas vezes na vida, com certeza.

A eleição de Lula

Até hoje ainda estou achando que não é possível. No Brasil elitista, apreciador de títulos e de sobrenomes e de ares aristocráticos, a eleição de um ex-operário? O que aconteceu com o “dormindo eternamente em berço esplêndido”? Pelo teor de muitas mensagens que alguns conhecidos me repassam pela internet, tem muita gente que ainda não se conforma.

Que aconteceu mesmo entre 2002 e 2008?

A continuação da guerra do Afeganistão, a guerra do Iraque, a morte de centenas de milhares de civis nos dois países, o aprisionamento, julgamento e execução de Saddam Hussein. Ninguém pisou de novo na lua neste tempo. Nenhum planeta novo foi descoberto, mas um brasileiro viajou na nave espacial e retornou pra “colher os frutos” da sua aventura. O Papa João Paulo II morreu em 2005, e Benedito XVI foi o sucessor, e também quem proclamou João Paulo II beatificado no dia 19 de dezembro de 2009. O caminho para a santificação está aberto. Muitas mães e pais de família no mundo inteiro continuam trabalhando para suas famílias, alimentando seus filhos, cuidando de seus pais e parentes velhos e doentes, trabalhando horas extras, passando noites sem dormir cuidando dos demais.

A eleição de Barak Obama

E não é que aconteceu mesmo? Um homem negro foi eleito presidente dos Estados Unidos, o mesmo país onde, há cem anos atrás, os negros não tinham os mesmos direitos civis que os brancos, e muitos sofreram perseguição e morte por serem negros. Jesse Jackson já havia tentado sair candidato, mas não tinha conseguido. Mas Barak Obama, com nome “esquisito” e tudo o mais – incluindo um pai keniano— conseguiu ser eleito. Ainda tem os que dizem que foi porque John McCain é muito velho, e Sarah Palin muito burra. Outros disseram que foi porque a economia estava em colapso. Outros que, na verdade, os republicanos queriam mesmo que um democrata herdasse a confusão deixada por W. Bush, para provar que eles não podem consertar o país e acabarem levando a culpa. Depois de um ano de governo, vemos Barak Obama lutando em muitas frentes, tentando ser cuidadoso e responsável. Mas, já vemos, as forças e os tambores de guerra não vão silenciar tão facilmente. O ataque a um outro avião sobre Detroit por um jovem nigeriano acaba de demonstrar que Al-Qaeda continua recrutando, e muitos de seus adeptos se dispõem a destruir um avião em uma zona urbana, causar grande número de mortes e muito sofrimento, e morrer junto com todos. Quem paga por isto neste momento? As pessoas que têm que viajar de avião, e terão que passar pelas muitas barreiras da segurança. Mais tarde, não se sabe quem pagará. Talvez outros inocentes que hoje, neste instante, nem sequer sabem que Detroit existe. Esta é a grande ironia e a grande tragédia destes ataques: os manobreadores continuam nas sombras e os inocentes continuam pagando.

O Brasil é escolhido para sediar os Jogos Olímpicos

Quem vai ganhar com isto? A promessa, sempre que um país é escolhido para sediar os Jogos Olímpicos, é que a preparação das praças deportivas e das cidades acarrete um ganho econômico, cultural, e político para o país, além, é claro, do ganho na área dos esportes. Todos nós que vimos o trabalho gigantesco levado a cabo pela China, ficamos pensando se o Brasil – ou melhor, o Rio de Janeiro – vai ser capaz de fazer uma coisa semelhante, ou pelo menos alguma coisa que não nos envergonhe. Logicamente, mesmo os brasileiros que somos contra os jogos olímpicos por princípio queremos que o Brasil faça um bom papel, e que os jogos sejam um sucesso, e que as cerimônias de abertura e encerramento sejam tão maravilhosas que ninguém jamais se esqueça. Mas não podemos deixar de cruzar nossos dedos das mãos e dos pés, especialmente depois de vermos na televisão e na internet que os bandidos do Rio de Janeiro estão tão bem armados que derrubam helicóptero da polícia. Estes jogos olímpicos, que poderiam ser a coroação do momento em que o Brasil deixa de ser o país do futuro e passa a ser uma potência no presente, podem também marcar o momento em que a anarquia da chamada “cidade maravilhosa” finalmente não deixe nenhum lugar a dúvidas. Esperemos que pelo menos ninguém saia machucado nesta empreitada. Mas eu duvido muito. Historicamente, os países/cidades que sediam os jogos passam por pelo menos dois anos de muita repressão antes dos jogos, para garantir a segurança dos jogadores e da platéia. É hora de termos pena dos pobres trabalhadores cariocas que têm a falta de sorte de morarem nas favelas. Todos serão suspeitos, e as chances da brutalidade policial aumentar não são nem chances, são uma realidade.

E a internet?



Quem se lembra daquele filme, “2001, uma odisséia no espaço”? Quando saiu, muitas das coisas que mostravam pareciam incríveis. Alguém aí já pensou em todas as máquinas novas que foram inventadas nesta década? E temos jeito de saber? Provavelmente não. Mas a ampliação do uso dos computadores, e o aumento do uso da internet, do email, têm que ter uma consequência real e material no mundo inteiro. Em 1999, poucas pessoas usavam o email, e tudo era feito por meio de linhas telefônicas. Você se lembra daquele barulhinho enquanto o computador discava a servidora? Coisa do passado. Em 2009 a maioria das pessoas que usa internet tem acesso a banda larga. O uso está tão propagado, que mesmo nas ilhas mais afastadas no meio dos oceanos do mundo, existe sinal para a internet. Uma das consequências da rapidez e da disponibilidade da internet, assim como o barateamento dos computadores é o desenvolvimento de cursos que podem ser dados à distância. Como em tudo o mais, há os que estão contra, e os que estão a favor. Independentemente da posição da pessoa quanto a estes cursos, não há como negar sua existência. No futuro, quem sabe que técnicas irão inventar? Até agora, minha única reclamação contra a internet é que ela não pode ser usada como um aparelho doméstico, mas louvo o momento em que inventaram, por exemplo, o Skype e o Youtube. Quando podemos falar e ver os amigos e parentes que estão em outros continentes, dá pra gente acreditar que está dentro do filme “2001”, embora muitas das coisas que se passam naquela história não acontecem no nosso dia a dia.

Mares exauridos?

Uma das piores notícias da década é que muitas espécies de peixe estão à beira da extinção, por pesca descontrolada. Alguns tipos de baleias provavelmente não durarão mais 20 anos, e o atum está chegando a um ponto crítico. Esperemos que os portugueses pensem bem antes de pescar tantos bacalhaus. Será que as sardinhas estão em extinção também? Nesta linha, devemos também nos lembrar de muitos outros animais, aves, mamíferos, cujos habitats estão em perigo. De acordo com a World Wildlife Fund, nos próximos 20 anos os seguintes animais serão extintos:

Chimpanzé
Elefante (asiático e africano)
Panda Gigante
Tartaruga Hawksbill
Baleia corduda
Lince ibérico
Gorila de montanha
Orangotango
Rinoceronte (negro, de Sumatra, de Java, e o de um chifre)
Leopardo branco
Tigre
(Informação obtida em www.wwf.org)

A reforma do sistema de saúde e Tiger Woods

Um dos assuntos mais quentes e mais debatidos nos Estados Unidos desde julho de 2009 tem sido a tão falada reforma no sistema de saúde. Para os que não sabem, aqui vai uma pequena explicação de como as coisas funcionam aqui: não funcionam. Se você não tem seguro de saúde particular, você não tem acesso a tratamento de saúde. As emergências dos hospitais têm que atender os casos mais graves que aparecem, e as clínicas particulares têm uma política de atender a 10% (mais ou menos) de casos que chamam de “caridade”. Então, aquelas histórias mirabolantes de avanços médicos

que você talvez tenha visto no Fantástico só funcionam para os muito ricos, ou os casos tão raros, que não entram na equação da verdade. Aqui é assim: se você fica doente com algo grave, você vai perder tudo o que tem, para poder pagar o hospital, o médico, os remédios. Aqui não existe posto de saúde. Aqui os hospitais universitários são caros.

Barak Obama fez a questão da reforma do sistema de saúde um dos pilares da sua campanha. Este foi o tema mais importante da carreira de Ted Kennedy no senado. Assim que foi possível, a questão começou a ser discutida. Horas e mais horas de discussão, reuniões, agressões, nomes feios jogados pra lá e pra cá, dezenas de cabeças falantes na televisão dando palpites, os comentaristas chegando a espumar na boca (especialmente os da famigerada Fox). Para quem pode ver e seguir mais ou menos (já que seguir ao pé da letra iria exigir que a pessoa saísse do emprego e passasse oito horas diárias lendo o que se escreveu, e ouvindo o que se disse), os detalhes se multiplicaram, e as companhias de seguro de saúde (um lobby poderosíssimo) dando corda aos republicanos que começaram a dizer que esta reforma vai literalmente destruir o país.

A discussão estava mais ou menos neste pé, quando houve um incidente com o gênio do golf, pai de família exemplar, Tiger Woods: ele esteve envolvido num acidente com seu carro, e vários detalhes menos exemplares da sua vida vieram a público. Como é possível? Tiger Woods, um homem sem mancha, um marido apaixonado, um cidadão a ser imitado, de repente acusado de ter várias amantes (muitas das quais vieram a público, dizendo-se “traídas” ao saber que ele tinha outras amantes)? De um dia para o outro, o ídolo que todos bajulavam se tornou objeto de escárnio. Hoje, todos os seus patrocinadores retiraram seu apoio, e se comenta que sua esposa vai divorciá-lo.

Que tem Tiger Woods a ver com o sistema de saúde? Nada, realmente. Mas o interesse que o escândalo de Tiger Woods despertou no público americano eu acho que revela uma coisa muito interessante, especialmente neste momento em que se discute uma lei que pode potencialmente mudar tantas coisas na vida do americano comum. Ninguém realmente pode dizer que entende o que está na lei: as duas versões, uma da câmara dos representantes e a outra do senado, têm mil páginas. E podemos imaginar o nível de obscuridade da prosa desta lei. Mas a cultura da celebridade oferece um antídoto a esta dificuldade: a gente ama ou odeia a celebridade. Tiger Woods era amado, idolatrado, paparicado, até o dia 26 de novembro de 2009, por uma razão bastante simples: ele sabia fazer algo que ninguém mais conseguia fazer com tanta perfeição, jogar golfe. Agora, ele é repudiado, criticado, na mesma proporção que era idolatrado antes. Este texto todos nós achamos que sabemos ler, e não tem mil páginas obscuras. Saltamos a conclusões imediatas. A lei da reforma da saúde, bem, esta a gente realmente não tem certeza.

Aí vem a década do um

Neste último dia de 2009, quando aí no Brasil quase todo mundo está festejando já a chegada do ano novo, aqui estamos olhando a televisão preocupados. A comemoração do ano novo em Times Square é uma tradição nacional, e portanto, potencialmente um local para um ataque terrorista. Antes que alguém aí diga, “e daí? Não morreram tantos

civis em outros países com ataques aéreos americanos,” eu gostaria de lembrar que em Times Square vão famílias inteiras, três e até vezes quatro gerações. Um ataque ali, naquele momento, seria uma carnificina, e muitos inocentes perderiam suas vidas. Enquanto olhamos e nos preocupamos por todos que estão ali, tenho certeza que muitos também pensam, neste momento simbólico de passagem, nos muitos que estão em



perigo, estão sofrendo nas prisões, debaixo de tortura, passando fome, frio, privações, no mundo inteiro,

debaixo das mais diferentes bandeiras (e, muito possivelmente, debaixo de TODAS as bandeiras). Mas, apesar destes tempos acabrunhados, acabrunhantes, amedrontadores em que vivemos, devemos também lembrar, exatamente neste momento simbólico de passagem, das crianças que nasceram nesta década. Entre elas há muitos que serão muitos gênios, muitos pensadores, muitos cientistas, muitos artistas, muitas mães, muitos pais. Para que eles cheguem a ser tudo isto, vai depender de todos nós, cada um fazendo sua parte, por pequena que pareça.



* EVA PAULINO BUENO é professora de Espanhol e Portugues, Literaturas Latino Americanas, Brasileira, e Norte Americana.